

**Histórias das mulheres nas ditaduras do Cone Sul***Stories of women in the dictatorships of the Southern Cone*Avelino Pedro Nunes Bento da Silva,<sup>1</sup> UFAM

A obra *Memórias da resistência: mulheres nas ditaduras do Cone Sul*, organizada pelas historiadoras Janine Gomes da Silva, Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro, tem o objetivo de abordar as ditaduras e os feminismos no Cone Sul. A partir disso, a coletânea reúne uma série de pesquisas de historiadoras e historiadores organizadas em sete capítulos que problematizam questões de memória, gênero e feminismos por meio do trabalho com as experiências de vida e trajetórias de mulheres que resistiram de diversos modos contra as ditaduras. Além de contar com o prefácio escrito por Maria Amélia de Almeida Teles, importante nome de luta política feminina e de luta pelos direitos humanos, na ditadura de 1964 e nos dias atuais.

As pesquisas apresentadas são resultado de estudos desenvolvidos no Laboratório de Estudos de Gênero e História, da Universidade Federal de Santa Catarina (LEGH-UFSC), acerca de temas que envolvem experiências de mulheres, militantes de esquerda e feministas nas ditaduras ao longo das décadas de 1960 a 1980. No primeiro capítulo do livro, intitulado *Gênero e memórias nas ditaduras do Cone Sul*, as autoras Janine Gomes da Silva, Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro assinalam a importância do laboratório, contando com uma variedade de documentos no acervo, incluindo jornais e revistas feministas, fotografias, entrevistas etc., de diversos países do Cone Sul.

O diálogo estabelecido pelas autoras entende gênero como “categoria relacional e construção histórico-cultural, mas também como prática discursiva e performativa que conforma subjetividades no contexto das relações sociais, políticas e culturais” (Silva; Wolff; Pedro, 2024, p. 31). Diante disto, o trabalho com a metodologia da História Oral na coletânea parte do estudo de memória como dimensão central para a história das mulheres nas ditaduras. As experiências das mulheres permitem apreender “uma outra compreensão para a história”. (Silva; Wolff; Pedro, 2024, p. 33).

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Graduado em Licenciatura Plena em História (2018) e Mestre em História (2021) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), através do Programa de Apoio à Pós-Graduação Stricto Sensu (POSGRAD).

O segundo capítulo, escrito por Camila Nascimento Azevedo, Eloisa Rosalen, Lucimari de Oliveira Siqueira, Mariane Silva, Musa Santos e Tauana Olivia Gomes Silva, com o título *Resistências e feminismos: as memórias das mulheres sobre a ditadura brasileira*, aborda as resistências e memórias de quatro mulheres sobre a ditadura brasileira. As histórias dessas mulheres revelam lutas, prisões e perseguições. O feminismo é o ponto transversal nas narrativas das entrevistadas, de modo que os relatos evidenciam como, apesar das prisões e perseguições, “também tiveram alegrias e vitórias, conquistadas com muito suor, descobertas e feminismos” (Silva; Wolff; Pedro, 2024, p. 55). As autoras mostram a importância do estudo e pesquisa sobre a participação das mulheres nos movimentos de luta para a compreensão da história da ditadura brasileira.

No capítulo *Autoritarismos, guerrilhas e teoria feminista: histórias que se conectam na Argentina*, de autoria de Ana Maria Veiga, Joana Vieira Borges e Soraia Carolina de Mello, são discutidas as transformações vivenciadas pelas mulheres argentinas a partir da década de 1960. Em meio a duas ditaduras, entre 1966 e 1973, e 1976 e 1983, as “mulheres argentinas não somente lutaram contra a ditadura, através de manifestações e organizações que tinham por objetivo a redemocratização e o respeito aos direitos humanos”, como também “atuaram no redimensionamento dos papéis sociais de gênero naquele período” (Silva; Wolff; Pedro, 2024, p. 117). As autoras levantaram entrevistas com quatro mulheres argentinas, apresentando como “amostras das possibilidades de atuação das mulheres argentinas”, além de lembrar que “tantas outras versões da história ficaram de fora”. (Silva; Wolff; Pedro, 2024, p. 124).

No quarto capítulo do livro, intitulado *Construir espaços e fabricar ideias: a luta (em curso) por democracia, justiça social e memória na história recente da Bolívia*, Fernando Damazio dos Santos, Gleidiane de Souza Ferreira e Heloísia Nunes dos Santos discutem a memória da luta por democracia e justiça social na Bolívia a partir das histórias de vida de duas mulheres que participaram ativamente nas resistências contra a ditadura. A Bolívia vivenciou uma série de golpes militares entre os anos de 1964 e 1980, desencadeando prisões, assassinatos e repressões nas ditaduras. As vítimas das violências continuam lutando por justiça. Assim, as trajetórias das mulheres entrevistadas revelam “importantes formas de atuação política existentes nas últimas décadas no país e que estiveram mediadas pela violência do contexto ditatorial”, além de mostrar esforços no sentido de “contribuir para a consolidação de uma democracia mais ampla e sólida”. (Silva; Wolff; Pedro, 2024, p. 173).

Com o título “*Nós não tivemos o medo como possibilidade*”: *mulheres e feminismos no Chile (1970-1990)*, o quinto capítulo, escrito por Andreia Amorim, Cintia Lima

Crescêncio e Danielle Dornelles, inicia abordando o golpe de 11 de setembro de 1973 contra o governo chileno de Salvador Allende (1908-1973), instaurando-se uma ditadura militar que durou 17 anos. A ditadura de Pinochet encerrou um período de avanços e conquistas sociais implementadas no governo Allende. Entre 1973 e 1990, cerca de 35 mil pessoas foram vítimas de mortes, desaparecimentos e torturas na ditadura, além do fortalecimento de empresas privadas e do banimento de partidos políticos e sindicatos de esquerda. A memória da resistência contra a ditadura é discutida pelas autoras por meio das trajetórias de duas mulheres que participaram de movimentos feministas chilenos. Os relatos revelam temáticas de gênero e política, destacando-se complexidades e contradições nos movimentos sociais.

Dentre os países do Cone Sul, o Paraguai foi o que vivenciou a mais longa ditadura civil-militar. No sexto capítulo, com o título *Paraguai: mulheres engajadas na resistência contra a ditadura*, Josiély Koerich, Larissa Freitas, Lucas Fernandes Silochi e Tamy Amorim da Silva problematizam o longo governo de 35 anos do presidente ditador Stroessner, discutindo temáticas diversas mediante entrevistas com quatro mulheres que vivenciaram esse período. Suas memórias “seguem atravessadas por emoções, silêncios, esquecimentos e contam não apenas de suas lutas e vivências durante o período, mas também de seus projetos, temores e anseios”, possibilitando ainda “conhecer e lançar outros olhares sobre a história paraguaia recente” (Silva; Wolff; Pedro, 2024, p. 258). Os relatos revelam a atuação de mulheres em grupos de esquerda no período da ditadura, além de discutir a emergência dos feminismos e movimentos de mulheres.

O sétimo capítulo, escrito por Lidia Schneider Bristot e Raísa Gomes, e intitulado *Caminhos entrecruzados do feminismo Uruguaio*, trata do período ditatorial no Uruguai. Entre os anos de 1967 e 1972, ocorreu uma crescente escalada autoritária com o governo Pacheco Areco, resultando em violência política, práticas de violação dos direitos humanos, torturas, desaparecimentos, sequestros e repressão aos movimentos sociais. Como destacam as autoras, em dados proporcionais ao número de habitantes, “o Uruguai foi o país que mais teve presos políticos durante a ditadura: quase cinco mil passaram pela Justiça Militar e outros tantos por centros de detenção e tortura” (Silva; Wolff; Pedro, 2024, p. 317).

As entrevistas apresentadas no capítulo mostram como as mulheres participaram em diferentes espaços de resistência, exercendo “um papel duplo de resistência e transgressão, como mulheres e militantes” (Silva; Wolff; Pedro, 2024, p. 318). As autoras assinalam que os relatos das trajetórias “são cruzamentos e narrativas que apontam a riqueza e complexidade do feminismo uruguaio, com seus diferentes aspectos, seja buscando a institucionalização, a

autonomia ou a pesquisa” (Silva; Wolff; Pedro, 2024, p. 322), tornando-se fundamental a revalorização das histórias de mulheres feministas.

A atuação e organização política de mulheres contra as ditaduras do Cone Sul na segunda metade do século XX ocorreu de formas diversas, como em movimentos estudantis, em grupos de esquerda e em grupos de mulheres. Os movimentos feministas e sociais se articularam em militância política contra as ditaduras, na luta pelos direitos humanos e em reivindicações e conquistas de direitos das mulheres.

Portanto, a presente obra apresenta discussões indispensáveis para o campo do conhecimento histórico, mostrando outras perspectivas sobre as ditaduras dos países do Cone Sul. O conjunto de pesquisas ressalta a importância de estudos no campo do conhecimento histórico sobre as trajetórias de vida de mulheres, revelando projetos, discussões e articulações políticas fundamentais para a luta pela democracia e justiça social.

#### **Referências Bibliográficas**

SILVA, Janine Gomes; WOLFF, Cristina Scheibe; PEDRO, Joana Maria (org.). **Memórias da resistência**: mulheres nas ditaduras do Cone Sul. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. 383 p.